

A Criança, o Artista e o Analisando: A Psicanálise e a Invenção de Mundos¹

LUCIANA KNIJNIK

*Vou meio dementado e enxada às costas a
cavar no meu quintal vestígios dos meninos
que fomos² (Manoel de Barros).*

Aos que estudam psicanálise hoje é preciso viajar no tempo para imaginar um período em que o mundo era visto como ordenado, previsível e passível de controle, pois foi precisamente este o caldo cultural de Sigmund Freud. Seguramente o engendramento da psicanálise promoveu muitas rupturas com os ideais de seu tempo, mas ninguém está alheio às demandas de seu momento histórico³. A localização de Freud na modernidade, ápice da racionalidade científica, ajuda-nos a compreender muitos dos diálogos por ele empreendidos. Em *A questão da análise leiga*, ele põe a própria obra em análise:

Nem, naturalmente, posso garantir-lhe que a forma como é expressa hoje continue a ser definitiva. A ciência, como se sabe, não é uma revelação; muito depois dos seus primórdios ainda lhe faltam os atributos de determinação, imutabilidade e infalibilidade pelos quais o pensamento humano profundamente anseia. Mas tal como ela é, é tudo que podemos ter⁴.

Estamos de acordo: os saberes não são um dado natural, verdade universal, mas uma produção histórica. Assim, olhar a própria psicanálise sob essa perspectiva permite que vislumbremos os compromissos que precisamos manter e as nuances que, atualmente, podem ser abandonadas.

Se na época de Freud as mencionadas tempestades enfrentadas pela psicanálise envolviam a luta para garantir legitimidade e espaço, hoje outros céus relampejam. Muitas leituras reduzem a psicanálise ora a passagens historicamente determinadas ora a preocupação com o universalismo dos conceitos.

Adotar uma visão reducionista da teoria psicanalítica é a opção de muitos que buscam a confirmação de ideias previamente concebidas ou mesmo o prazer das críticas vazias. Outra possibilidade é potencializar os conceitos que no contemporâneo operam, acessando as diversas formas de sofrimento e abrindo caminhos para a transformação de cada um e da sociedade em que vivemos. Ou seja, é colocar as mãos a obrar.

¹ Trabalho apresentado na Jornada de 14 de julho de 2012 no Círculo Psicanalítico do Rio Grande do Sul.

² BARROS, Manoel de. *Memórias inventadas: a infância*. São Paulo: Planeta, 2003.

³ Registro em vídeo da intervenção de Luis Cláudio Figueiredo no seminário *Corpo, afeto, linguagem* intitulada *Modernidade, trauma e dissociação: a questão do sentido hoje*.

⁴ FREUD, Sigmund. A questão da análise leiga 1926. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1926, vol. XX, p. 218.

Para tal empreitada não precisamos ir longe. O próprio Freud em muitas passagens fornece importantes indicativos dos compromissos fundamentais de sua teoria. Nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, uma nota de rodapé acrescentada posteriormente, em 1915 merece destaque. Discorrendo sobre os conceitos de masculino e feminino, ele diz:

a masculinidade ou a feminilidade puras não são encontradas nem no sentido psicológico nem no biológico. Cada pessoa exhibe, ao contrário, uma mescla de seus caracteres sexuais biológicos com os traços biológicos do sexo oposto, e ainda uma conjugação de atividade e passividade, tanto no caso de esses traços psíquicos de caráter dependerem dos biológicos, quanto no caso de independê-los⁵.

Neste trecho podemos ver um Freud avesso a determinismos biológicos associando masculinidade e feminilidade não aos órgãos e suas funções, mas a posições ativas e passivas respectivamente. Enfatiza ainda que masculinidade e feminilidade não existem em estado puro, mas enquanto composição. Enquanto afirma que masculino e feminino não são determinados exclusivamente pela anatomia, diz também que há algo da história, da cultura e da dobra que cada um faz de si em cada composição.

Evidentemente, do final do século XIX até os dias atuais, muito aconteceu. Hoje podemos olhar para algumas passagens no texto freudiano e avaliar que estão de acordo com o período em que a teoria foi concebida. De fato nosso campo é necessariamente aberto às mudanças na esfera da produção de subjetividade. Abertura que também se verifica nas reflexões críticas bem fundamentadas que forçam o pensamento a produzir novos desenhos e até mesmo novas leituras dos mesmos escritos de 1800/1900.

Neste sentido perguntamos: seria o tão interrogado complexo de Édipo efetivamente universal, parcial ou mesmo efeito da própria produção psicanalítica? Em *O mal-estar na civilização*, o autor dirá:

Não é decisivo, realmente, haver matado o pai ou deixado de fazê-lo; em ambos os casos temos de nos sentir culpados, pois o sentimento de culpa é expressão do conflito de ambivalência, da eterna luta entre Eros e o instinto de destruição ou de morte. Esse conflito é atizado quando os seres humanos defrontam a tarefa de viver juntos; **enquanto essa comunidade assume apenas a forma da família, ele tem de se manifestar no complexo de Édipo, instituir a consciência, criar o primeiro sentimento de culpa**⁶ (grifo meu).

Na passagem acima, é novamente Freud quem deixa o caminho livre para o movimento do mundo sem determinações a priori. Para ele, enquanto a convivência comunitária seguir adotando o formato da família, o complexo de Édipo será necessário. Resta-nos acrescentar mais algumas reflexões: podemos inventar outros formatos familiares?

⁵ Idem. *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* 1905. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1997, vol. VII, p. 97.

⁶ Idem. *O mal-estar na civilização* 1930. *Obras completas*. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, vol. 18, p. 104.

Que modos de convivência em comunidade estariam por vir? Como manter viva aquela criança aberta à experimentação, vivendo em comunhão com outros seres? Que crianças a psicanálise também está produzindo?

< - > < - > < - > < - >

É tarefa do psicanalista promover um reencontro com a criança que habita em todos? Evidentemente não estamos a falar de qualquer criança e sim daquela plena de potencialidades que pela porosidade à ortopedia das escolas, ao terrorismo das igrejas, à velocidade das grandes cidades, às demandas familiares conflituosas e aos sofrimentos do mundo torna-se um adulto que não sabe brincar. Vejamos a demonstração de Manoel de Barros:

Estranhei muito quando, mais tarde, precisei de morar na cidade. Na cidade, um dia, contei para minha mãe que vira na Praça um homem montado no cavalo de pedra a mostrar uma faca comprida para o alto. Minha mãe corrigiu que não era uma faca, era uma espada. E que o homem era um herói da nossa história. Claro que eu não tinha educação de cidade para saber que herói era um homem sentado num cavalo de pedra. Eles eram pessoas antigas da história que algum dia defenderam a nossa Pátria. Para mim aqueles homens em cima da pedra eram sucata. Seriam sucata da história...⁷

No artigo *Crianceria*, de Chaim Samuel Katz, o autor coloca em questão o hábito de olharmos a criança apenas de um ponto de vista. Para ele, presumir a emergência da figura “a” criança exclusivamente de papai e mamãe “é supor que as energias-afetos que constituem ‘psiquismo’ se dirijam desde sempre, enquanto destinação através destas imagens capturadoras⁸”. A criança é encharcada de mundo, da cidade em que vive, do seu momento histórico, da natureza. Suas experiências estão inseridas em uma paisagem que extrapola as figuras de pai e mãe, englobando uma atmosfera mais ampla que também produz efeitos. Não cabe negar a importância das figuras de referência, porém ampliar as coordenadas de investimento pulsional. “Qual ser amado não envolve paisagens, continentes e populações mais ou menos conhecidos, mais ou menos imaginários?⁹”, pergunta Deleuze.

Como diz Katz, “criança não é apenas obedecer aos poderes, mas exercício imanente de potências¹⁰”. Posição que implica um estado de permanente abertura para o novo rompendo e não apenas adotando mandatos previamente estabelecidos. Segundo Bergson, “a criança é um pesquisador e um inventor, sempre à espreita de novidade, impaciente pela regra, enfim, mais próxima da natureza que o homem feito¹¹”. Nesta perspectiva não há

⁷ BARROS, op. cit.

⁸ KATZ, Chaim Samuel. *Crianceria*. O que é a criança. *Cadernos de Subjetividade*. São Paulo: PUC, 1996, p. 90.

⁹ DELEUZE, Gilles. *Crítica e clínica*. São Paulo: Editora 34, 2001, p. 84.

¹⁰ Katz, loc. cit.

¹¹ BERGSON, Henri. *O pensamento e o movimento*. São Paulo: Martins Fontes, 2006, p. 96.

clausura em um vir-a-ser previamente estabelecido, mas habitar a posição de devir. Esclarece Saidón:

Quando dizemos devir, não nos referimos à evolução das ideias ou das transformações dos corpos ou de suas representações ao longo do tempo. Falamos em devir para nos referirmos à transmutação radical de valores que inaugura um pensamento e que se traduz na criação de territórios existenciais inéditos¹².

Se nesta perspectiva a criança é vista não como uma esponja inerte que absorve a realidade, mas como produtora de mundos, uma concepção de inconsciente necessariamente derivará. Sabemos que Freud não se dedicou ao trabalho com crianças em sua clínica, o que não significa dizer que tenha negligenciado este período da vida. Em suas próprias palavras: “Sublinhar a importância das primeiras vivências não implica subestimar o peso das vivências posteriores; mas essas posteriores impressões da vida falam com clareza pela boca do paciente, enquanto o médico tem de erguer a voz em favor da infância¹³”. Vale lembrar que o estatuto conferido à sexualidade infantil, pedra fundamental da psicanálise, causou *frisson* na época por diversas razões. Conforme Diana Corso,

a descoberta da importância da infância decorre da existência não só de uma sexualidade infantil, mas de um sujeito sexualmente desejante na infância. Assim, a psicanálise passa a se conectar com a história do sujeito, de um ser que desde muito cedo escreve suas páginas com seus desejos, proibidos e realizados, admitidos e recalcados. A infância recebe em seus braços tudo aquilo de que se lhe considerava ainda imune, acrescido do problema de que estas vivências são compreendidas como formadoras, constituintes¹⁴.

Ressaltamos aqui este sujeito desejante, apontado pela autora, como aquele que investe e significa os objetos de seu mundo em uma operação paralela e simultânea a sua própria significação. Assim, a psicanálise nos fala de um mecanismo inconsciente de constituição de sujeitos, tempos e universos não somente particulares.

Debruçamos-nos deste modo sobre um tempo da criança não como aquilo que fomos um dia, um passado perdido, mas como este movimento criador do sujeito em sua esfera relacional potencialmente presente. Tornar-se adulto não suprime a criança, viva naqueles que exploram ambientes por meio de trajetos plásticos e desenham seus próprios mapas. Como diz Manoel de Barros, “com certeza, a liberdade e a poesia a gente aprende com as crianças”¹⁵.

¹² SAIDÓN, Osvaldo. *Devires da clínica*. São Paulo: Hucitec, 2008.

¹³ FREUD, Sigmund. “Batem numa criança”: contribuição ao conhecimento da gênese das perversões sexuais (1919). *Obras completas*. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, vol. 14, p. 300.

¹⁴ CORSO, Diana. *A invenção da criança da psicanálise: De Sigmund Freud a Melanie Klein*. <http://www.marioedianacorso.com/a-invencao-da-crianca-da-psicanalise-de-sigmund-freud-a-melanie-klein>. Acesso em jun. 2012.

¹⁵ BARROS, Manoel de. Bordados de Antônia Zulma Diniz, Ângela, Marilu, Martha e Sália Dumont sobre desenhos de Demóstenes. *Exercício de ser criança*. Rio de Janeiro: Salamandra, 1999.

< - > < - > < - > < - >

A magia do texto freudiano está em sua abertura para inúmeras leituras. Assim como em certos momentos a balança pende para a necessidade de legitimação da psicanálise no campo da ciência, atendendo às demandas de seu tempo, em tantas outras passagens podemos encontrar uma concepção de inconsciente como usina de produção de mundos. Sim, “a psicanálise já enfrentou muitas tempestades¹⁶”.

Cabe a nós, produto e produtores da psicanálise, garantir seu lugar no campo das ciências do devir¹⁷ para que possamos estar aliados ao caos e a incerteza sem negligenciar a estrutura e o instituído, tomando-os como trampolins para o engendramento da vida e não como âncoras que estancam o movimento.

As crianças, os artistas e os pacientes em análise bem sabem, pela própria experiência, o que significa habitar um devir. Nas palavras do psicanalista “é instalar-se em uma zona de co-presença; é trabalhar em um entorno; é evocar o estranho em nós com os outros; é a troca que acontece a uma partícula ao entrar em uma zona de indeterminabilidade e de potenciais processos criacionistas¹⁸”.

Winnicott concordaria que há algo em comum entre estes três personagens, quais sejam a criança, o artista e o analisando, já que para ele “é no brincar, e talvez apenas no brincar, que a criança ou o adulto fruem sua liberdade de criação¹⁹”. Criação de si e do próprio mundo tal qual o processo de análise em que, de lamparina em punho, exploramos nossos sótãos empoeirados, conhecendo e reinventando nossa própria história. É como diz Bergson: “só se conhece, só se compreende aquilo que se pode, em alguma medida, reinventar²⁰”. O divã, tal qual um tapete mágico, leva-nos a exploração de territórios conhecidos e inusitados. Nestes voos revisitamos o passado com seus personagens, cores e sabores e, por meio da magia do tapete, vivemos os mil e um futuros por vir. E para nossa surpresa retornamos com o corpo inteiro, revitalizados pela possibilidade de refazer nós mesmos a cada dia que o tapete novamente alça voo.

¹⁶ FREUD, Sigmund. O Futuro de uma ilusão (1927). *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1976, vol. XXI, p. 50.

¹⁷ SAIDÓN, op. cit.

¹⁸ Ibid., p. 95.

¹⁹ WINNICOTT, Donald Woods. *O Brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975, p. 79.

²⁰ BERGSON, op. cit., p. 98.